



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comissão de Residência Multiprofissional e em
Área Profissional da Saúde – COREMU**

**PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL E EM ÁREA
PROFISSIONAL DA SAÚDE**

Clínica Médica de Animais de Companhia

**Avaliação da intensidade da dor e da qualidade de vida de cães
com câncer**

Cristine Cioato da Silva

Pelotas, RS, Brasil

2014



Cristine Cioato da Silva

Avaliação da intensidade da dor e da qualidade de vida de cães com câncer

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Especialista em Clínica Médica de Animais de Companhia, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 07/02/2014.

Banca Examinadora:

Thomas Normanton Guim (Orientador)

Doutor em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Pelotas

Cristina Gevehr Fernandes

Professora Doutora em Patologia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Eduardo Santiago Ventura de Aguiar

Professor Doutor em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, Àquele que deu origem a tudo, que tudo vê e que certamente me acompanha sempre.

À minha família, Joanete, Honorino, Cristiane, Fábio e mais recentemente, Bernardo, dedico minha gratidão eterna. Vocês fazem parte dessa conquista e ela também é de vocês! Obrigada pela preocupação, pelo amor, pelo carinho e, principalmente, por acreditarem tanto no meu sucesso, mesmo nos momentos em que até eu duvidava.

Ao meu namorado Thomas, agradeço pelo carinho e principalmente pelo companheirismo durante toda essa jornada.

Aos amigos do coração, Alexandre, Carolina, Cristiane, Lucimara, Anelise e Karina, agradeço por terem alegrado tanto os meus dias. De muitas maneiras, vocês tornaram essa caminhada muito mais leve e prazerosa. Obrigada por estarem comigo nessa etapa tão importante de nossas vidas!

Aos preceptores agradeço pela atenção dedicada à nossa orientação e pela autonomia que nos foi concedida. Certamente vocês contribuíram muito para a nossa formação.

Agradeço ao meu orientador Dr. Thomas Normanton Guim, por ter encontrado tempo para o meu projeto e por realizar essa tarefa com excelência! Obrigada pela paciência e pela compreensão.

Aos funcionários do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPel, agradeço pela dedicação aos animais, pois tudo que é feito lá dentro, mesmo que inconscientemente, tem como finalidade o bem-estar dos nossos pacientes.

Parabenizo e agradeço a coordenação da Residência, por lutarem para que o sonho da Residência Multiprofissional em Medicina Veterinária da UFPel se realizasse. Certamente foi um grande avanço para a nossa Universidade e para a nossa profissão.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os animais que passaram por mim nesses dois anos. Certamente foram os meus melhores professores.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	iv
LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
1. INTRODUÇÃO	8
2. ATIVIDADES REALIZADAS	11
2.1. Atividades ministradas pelos preceptores	11
2.2. Participações em eventos e treinamento externo.....	12
2.3. Resumos de trabalhos científicos publicados em anais de congressos e eventos de iniciação científica.....	12
3. RELATÓRIO DA CASUÍSTICA	17
3.1. Afecções Cardiorrespiratórias	17
3.2. Afecções Endócrinas.....	19
3.3. Afecções Gastrintestinais e Hepáticas	19
3.4. Afecções Reprodutivas, Urinárias e das Glândulas Mamárias.....	22
3.5. Enfermidades Infecciosas	24
3.6. Afecções Musculoesqueléticas e Articulares.....	25
3.7. Afecções Neurológicas.....	26
3.8. Afecções Oftálmicas.....	27
3.9. Afecções Tegumentares.....	28
3.10. Outras Enfermidades.....	30
4. ARTIGO CIENTÍFICO	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
ANEXOS	44

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. Número de atendimentos prestados a caninos e felinos durante o período de residência, distribuídos pelo sistema orgânico afetado17
- Tabela 2. Casos clínicos referentes às afecções cardiorrespiratórias de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval18
- Tabela 3. Casos clínicos referentes às afecções endócrinas de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval19
- Tabela 4. Casos clínicos referentes às afecções gastrintestinais de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval21
- Tabela 5. Casos clínicos referentes às afecções reprodutivas urinárias e das glândulas mamárias de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval23
- Tabela 6. Casos clínicos referentes às enfermidades infecciosas de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval24
- Tabela 7. Casos clínicos referentes às afecções musculoesqueléticas e articulares de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval25
- Tabela 8. Casos clínicos referentes às afecções neurológicas de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval26

Tabela 9. Casos clínicos referentes às afecções oftálmicas de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPeI e o Ambulatório Ceval27

Tabela 10. Casos clínicos referentes às afecções tegumentares de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPeI e o Ambulatório Ceval29

Tabela 11. Casos clínicos referentes a outras enfermidades de caninos e felinos atendidos durante a residência, que não se limitam a um sistema orgânico principal, incluindo o HCV-UFPeI e o Ambulatório Ceval.....30

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Fachada do HCV-UFPeI. Fonte: Karina Affeldt Guterres8
- Figura 2. Procedimento de CAAF realizado em felino apresentando tumoração oral em região sublingual.I.....20
- Figura 3. Imagem ultrassonográfica mostrando o rim direito de um felino parasitado por *Dioctophyma renale*. Fonte: Setor de Imagenologia, HCV-UFPeI22
- Figura 4. Imagem macroscópica dos rins de um felino com Doença Renal Policística. Fonte: Departamento de Patologia Animal – FV/UFPeI24
- Figura 5. Felino com lesão palpebral provocada pela infecção pelo fungo *Sporothrix schenkii*.28

RESUMO

Silva, Cristine Cioato da. Clínica Médica de Animais de Companhia. **2014**. 55 f. Relatório de Residência Multiprofissional em Área de Saúde – Medicina Veterinária, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas.

A Residência Multiprofissional em Clínica Médica de Animais de Companhia foi realizada no período de abril de 2012 a março de 2014, no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel), com carga horária semanal de 60 horas. Das 60 horas semanais, 48 horas correspondiam às atividades práticas no HCV ou no Ambulatório Ceval e 12 eram dedicadas às atividades teóricas, que incluíam apresentações de seminários e aulas. Todas as atividades tinham o apoio técnico dos preceptores de cada área. Adicionalmente, foi possível durante o período de residência realizar treinamento externo na Clínica Veterinária VetPlus, na cidade de Joinville-SC, bem como participar de congressos, simpósios e encontros de iniciação científica como ouvinte ou apresentando resumos de trabalhos científicos. Durante o período de residência, foram realizados 889 atendimentos entre o Ambulatório Ceval e o HCV, sendo 727 caninos e 162 felinos. A idade dos pacientes variou de 45 dias até 23 anos. O sistema mais afetado foi o tegumentar. Durante o segundo ano de residência foi desenvolvido o projeto “Avaliação da intensidade da dor e da qualidade de vida de cães com câncer”, sob a orientação do médico veterinário Dr. Thomas Normanton Guim.

Palavras-chave: Residência; Clínica médica; Animais de companhia, Câncer; Dor crônica.

1. INTRODUÇÃO

A Residência Multiprofissional em Clínica Médica de Animais de Companhia foi realizada no período de abril de 2012 a março de 2014, no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel), com carga horária semanal de 60 horas. Das 60 horas semanais, 48 horas correspondiam às atividades práticas no HCV ou no Ambulatório Ceval. As 12 horas restantes eram dedicadas às atividades teóricas, que incluíam apresentações de seminários e aulas. Todas as atividades tinham o apoio técnico dos preceptores de cada área.

O HCV-UFPel (Figura 1) está localizado no Campus Universitário do Capão do Leão, na cidade de Capão do Leão, a 15 km do centro de Pelotas onde os atendimentos externos ocorriam de segunda à sexta-feira, das 8 às 12 horas e das 14 às 16 horas. Aos sábados, domingos e feriados era realizado somente atendimento interno.



Figura 1. Fachada do HCV-UFPel. Fonte: Karina Affeldt Guterres

O HCV dispunha de cinco ambulatórios para atendimento clínico, sendo um destinado à realização das aulas práticas dos alunos da graduação em Medicina Veterinária, outro especialmente elaborado para os atendimentos oncológicos e aplicação de quimioterápicos e três para uso geral.

A área de internação era dividida em cinco setores:

- **Isolamento**: localizado na área externa do HCV e destinado à internação de pacientes portadores de moléstias infectocontagiosas. Esse setor tinha capacidade para internar até sete animais, entre cães e gatos.
- **Canil de internação**: localizado no interior do HCV com a finalidade de internar caninos doentes que não ofereciam risco de contaminação aos outros animais. Nesse setor era possível internar até 19 cães.
- **Gatil de internação**: também localizado no interior do HCV e destinado exclusivamente à internação de felinos. Tinha capacidade para até quatro gatos.
- **Pós-operatório**: localizado próximo ao bloco cirúrgico, tinha a finalidade de receber os pacientes em recuperação anestésica e os que necessitassem de procedimentos pós-operatórios imediatos. Disponibilizava de 11 gaiolas para internação.
- **Canil de apreensão (Ecosul)**: local destinado à alocação dos cães recolhidos pela empresa Ecosul. Esses cães eram apreendidos pela empresa quando se encontravam enfermos, a maioria vítimas de atropelamento ou em situação de risco nas proximidades das rodovias sob concessão da Ecosul. Eram disponibilizadas sete baias externas para o tratamento e recuperação desses cães.

Além disso, ainda faziam parte da estrutura do HCV um bloco cirúrgico, que contava com duas salas cirúrgicas, uma sala para realização das aulas práticas de técnica cirúrgica, uma sala de esterilização e dois vestiários; e a sala de preparo pré-operatório, onde eram feitas a medicação pré-anestésica, o acesso venoso e a tricotomia dos pacientes que passariam por procedimentos cirúrgicos. Nessa mesma sala encontrava-se o setor de atendimentos de emergência, que contava com um carrinho de emergência, contendo todos os fármacos e demais materiais necessários para os atendimentos emergenciais iniciais, um cilindro de oxigênio e uma mesa para atendimento.

Para apoio diagnóstico, o HCV contava com o Laboratório de Patologia Clínica e o Setor de Imagenologia. O HCV disponibilizava ainda de uma farmácia, onde ficavam armazenadas todas as medicações e materiais hospitalares necessários para o consumo interno.

O residente da área de Clínica Médica de Animais de Companhia também prestava atendimento à população carente no Ambulatório Ceval, localizado próximo ao Centro da cidade de Pelotas. Nesse local, os atendimentos ocorriam às terças e quintas-feiras, das 8 às 11 horas da manhã.

O Ambulatório Ceval contava com duas salas equipadas com mesas metálicas para o atendimento ambulatorial de cães e gatos. Os casos mais graves eram encaminhados ao HCV, onde também recebiam atendimento gratuito.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A residência em Clínica Médica de Animais de Companhia contava com quatro residentes, os quais dividiam suas tarefas da seguinte forma: três residentes (chamados de R1, R2 e R3) ficavam responsáveis pelos atendimentos do dia enquanto o outro (R4) responsabilizava-se pelos cuidados com os animais internados, em regime diário de rodízio.

De um modo geral, as atividades do residente em Clínica Médica de Animais de Companhia compreendiam:

- Atendimento clínico junto ao HCV e ao ambulatório Ceval;
- Realização de sessões de quimioterapia;
- Coletas de material para exames;
- Atendimento aos animais internados;
- Plantões noturnos e de finais de semana;
- Seleção e treinamento dos estagiários extra-curriculares;
- Participação em aulas e outras atividades teóricas semanais;
- Apresentação de seminários;
- Apoio às aulas práticas realizadas no HCV-UFPel;
- Apoio e participação de projetos de extensão e pesquisa, desenvolvidos pela UFPel;
- Elaboração e execução de um projeto de pesquisa no segundo ano da residência

2.1. Atividades ministradas pelos preceptores

- Treinamento em Urgência e Emergência – Prof. Dr. Eduardo Santiago Ventura de Aguiar
- Treinamento em Oftalmologia Veterinária – Exame Oftálmico – Prof. Dr. Fabrício Arigony Braga
- Treinamento em Manipulação de Quimioterápicos e Manuseio da Capela de Fluxo Laminar – Médico Veterinário Dr. Thomas Normanton Guim

- Treinamento Teórico em Citologia – Prof. Dr. Luiz Fernando Jantzen Gaspar

2.2. Participações em eventos e treinamentos externos

- I Simpósio Nacional de Anestesiologia e Clínica Médica de Pequenos Animais (Santa Maria/RS, 2012);
- I Simpósio Internacional de Emergências em Pequenos Animais (Porto Alegre/RS, 2012);
- XIV Encontro de Pós-Graduação (Pelotas/RS, 2012);
- XI Mostra de Pós-Graduação (Pelotas/RS, 2012);
- 34° Congresso Brasileiro da Anclivepa (Natal/RN, 2013);
- II Congresso Medvep de Especialidades Veterinárias (Bento Gonçalves/RS, julho/2013);
- I Simpósio de Anestesiologia em Animais Selvagens (Uruguaiana/RS, 2013).
- Treinamento em clínica veterinária particular (VetPlus, Joinville/SC, 2013).

2.3. Resumos de trabalhos científicos publicados em anais de congressos e eventos de iniciação científica

GUIM, T. N., GUIM, Tainã, **SILVA, Cristine Cioato da**, SANTOS, B. L., FERRO, A. G., FERNANDES, C.G. Avaliação de margens cirúrgicas em 131 casos de tumores mamários caninos In: 34° Congresso Brasileiro da Anclivepa, 2013, Natal. **Acta Veterinaria Brasilica.** , 2013, v. supl.

SILVA, Cristine Cioato da, GUIM, T. N., SILVA, D. S. E., FERNANDES, C. G. Avaliação do tipo histológico e das margens cirúrgicas em 53 neoplasmas cutâneos de cães In: II Congresso Medvep de Especialidades Veterinárias, 2013, Bento Gonçalves. **Anais do II Congresso Medvep de Especialidades Veterinárias.** , 2013.

SILVA, Cristine Cioato da, ATHAYDE, C. L., LEMOS, C. D., GUTERRES, K. A., FERRO, A. G., FERNANDES,C.G.,GUIM,T.N. Estadiamento clínico e classificação histomorfológica de 44 casos de tumores mamários caninos In: 34º Congresso Brasileiro da Anclivepa, 2013, Natal. **Acta Veterinária Brasilica** , 2013, v. supl.

AZAMBUJA, S. A., **SILVA, Cristine Cioato da**, BERGMANN, L. K., CORREA, A., ATHAYDE, C.L.,GUTERRES,K.A.,GUIM,T.N. Hipertermia por intermação em um cão: relato de caso In: II Simpósio Internacional de Emergências em Pequenos Animais - UFRGS, 2013, Porto Alegre. **Revista de Ciências Agroveterinárias** , 2013, v. supl.

AZAMBUJA, S. A., CORREA, A., GUTERRES, K. A., **SILVA, Cristine Cioato da**, ATHAYDE, C. L., GUIM, T. N., AGUIAR, E. S. V., RODRIGUES, F., PERERA, S. C., MILECH, V., BERGMANN,L.K. Pneumotórax e miocardite traumática em um cão In: II Simpósio Internacional de Emergências em Pequenos Animais - UFRGS, 2013, Porto Alegre. **Revista de Ciências Agroveterinárias** , 2013, v. supl.

Júnior, A. S., Añaña, D. C., GUTERRES, K. A., STELMALKE, L. L., BATISTA, M., AZAMBUJA, R. H., ACOSTA, G. S., GIORDANI, C.,**SILVA, Cristine Cioato da**, ARAÚJO, M., CLEFF, M. B. Ações direcionadas para a redução da desigualdade social, perspectivas na medicina veterinária In: XI Mostra de Produção Universitária, 2012, Rio Grande. **Anais da XI Mostra de Produção Universitária**, 2012.

SILVA, Cristine Cioato da, LEMOS, C. D., GUTERRES, K. A., BERGMANN, L. K., CORREA, A., BORGARTZ, A., CURY, P. C., CLEFF, M. B., AGUIAR, E. S. V., GUIM, T. N., FERNANDES,C.G. Carcinoma de células escamosas sublingual em felino: relato de caso In: XI Mostra de Pós-Graduação/Salão Universitário - Universidade Católica de Pelotas, 2012, Pelotas. **Anais da XI Mostra de Pós Graduação/Salão Universitário UCPel**, 2012.

AZAMBUJA, R. H., ARAÚJO, M., Añaña, D. C., ACOSTA, G. S., Júnior, A. S., **SILVA, Cristine Cioato**, CLEFF, M. B., ROSA, C. S. Homeopatia: terapêutica complementar para o tratamento de animais de companhia In: I Congresso de Extensão Universitária da Unifesp e II Congresso Paulista de Extensão, 2012, São Paulo. **Anais do I Congresso de Extensão Universitária da Unifesp e II Congresso Paulista de Extensão**, 2012.

Júnior, A. S., ARAÚJO, M., Añaña, D. C., BATISTA, M., ACOSTA, G. S., GUTERRES, K. A., **SILVA, Cristine Cioato da**, ATHAYDE, C. L., STELMALKE, L. L., CLEFF, M. B. Medicina Veterinária na promoção da saúde humana e animal: ações em comunidades carentes como estratégias de enfrentamento da desigualdade social In: 30º Seminário de Extensão Universitária - FURG, 2012, Rio Grande. **Anais do 30º Seminário de Extensão Universitária - FURG**, 2012.

ARAÚJO, M., BATISTA, M., Júnior, A. S., FERNANDES, L. M., AZAMBUJA, R. H., MEINERZ, A. R., CLEFF, M. B., **SILVA, Cristine Cioato da** Principais zoonoses diagnosticadas em pequenos animais provenientes de localidades em vulnerabilidade social In: I Congresso de Extensão Universitária da Unifesp, 2012, São Paulo. **Anais do I Congresso de Extensão Universitária da Unifesp**, 2012.

SILVA, Cristine Cioato da, BERGMANN, L. K., GUIM, T. N. Aspectos clínico-cirúrgicos de adenocarcinoma primário de pulmão em cão. In: II Congresso Medvop de Especialidades Veterinárias, 2013, Bento Gonçalves. **Anais do II Congresso Medvop de Especialidades Veterinárias**, 2013.

GUTERRES, K. A., ATHAYDE, C. L., **SILVA, Cristine Cioato da**, BERGMANN, L. K., CORREA, A., LEMOS, C. D., BORGARTZ, A., GUIM, T. N., AGUIAR, E. S. V. atendimentos de emergência ocorridos no período de março de 2012 a fevereiro de 2013 no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas. In: II Simpósio Internacional de Emergências em Pequenos Animais - UFRGS, 2013.

SILVA, Cristine Cioato da, LEMOS, C. D., GUTERRES, K. A., GUIM, T. N., SILVA, F. S. E., GRECCO, F., CLEFF, M. B. Caracterização clínica e patológica da tríade felina: relato de caso. In: 34° Congresso Brasileiro da Anclivepa, 2013, Natal. **Acta Veterinaria Brasilica**, 2013, v. supl.

PERERA, S. C.; **SILVA, Cristine Cioato da**, CORREA, A., MILECH, V., AZAMBUJA, S. A., RAMOS, S., RIPPLINGER, A., GUIM, T. N., RAPPETI, J. C. S., BERGMANN, L. K. Ruptura de Bexiga em Cão: relato de Caso. In: II Simpósio Internacional de Emergências em Pequenos Animais - UFRGS, 2013, Porto Alegre. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, 2013, v. supl.

LEMOS, C. D., **SILVA, Cristine Cioato da**, GUTERRES, K. A., RIBEIRO, E. M., CARAPETO, L. P. Avaliação Radiográfica de Megaesôfago em Canino. In: XIV Encontro de Pós-graduação UFPel, 2012, Pelotas. **Anais do XIV Encontro de Pós-graduação UFPel**, 2012.

MEINERZ, A. R., MATOS, C. B., FERREIRA, C. M., GIORDANI, C., **SILVA, Cristine Cioato da**, GUTERRES, K. A., ACOSTA, G. S., BATISTA, M., CLEFF, M. B., LADEIRA, S. Determinação da atividade da infusão de *Bauhinia fortificata* no tratamento de ferida aberta em cão. In: VI Simpósio Iberoamericano de Plantas Medicinais - UEPG, 2012, Ponta Grossa. **Anais do VI Simpósio Iberoamericano de Plantas Medicinais - UEPG**, 2012.

FRANCISCO, L. S., GUTERRES, K. A., **SILVA, Cristine Cioato da**, GASPAR, L. F. J. Esporotricose em Cão. In: 21° Congresso de Iniciação Científica UFPel, 2012, Pelotas. **Anais do 21° Congresso de Iniciação Científica UFPel**, 2012.

SILVA, Cristine Cioato da, GUTERRES, K. A., LEMOS, C. D., DAMIANI, C. M., SILVA, Fábio da Silva e, GUIM, T. N. Hipotireoidismo canino: relato de caso. In: XIV Encontro de Pós-graduação UFPel, 2012, Pelotas. **Anais do XIV Encontro de Pós-graduação UFPel**, 2012.

SCHMITT, B., SCHOSSLER, J. E. W., VIVES, Patrícia Silva, AGUIAR, E. S. V., **SILVA, Cristine Cioato da**, GUIM, T. N., N-GUIM, T. Imobilização deficiente da articulação tarsocrural na tenorrafia em cão. In: X Congresso Brasileiro de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária, 2012, Florianópolis. **Jornal Brasileiro de Ciência Animal**, 2012, v. supl.

GUTERRES, K. A., **SILVA, Cristine Cioato da**, SCHMITT, B., AGUIAR, E. S. V., FERNANDES, Cristina Gevehr, GUIM, T. N. Mesotelioma Torácico em Cão. In: XIV Encontro de Pós-graduação UFPel, 2012, Pelotas. **Anais do XIV Encontro de Pós-graduação UFPel.** , 2012.

3. RELATÓRIO DA CASUÍSTICA

Durante o período de residência foram realizados 889 atendimentos entre o Ambulatório Ceval e o HCV, sendo 727 em caninos e 162 em felinos. A idade dos pacientes variou de 45 dias até 23 anos. A tabela 1 apresenta o número de atendimentos, separando-os pela espécie, sistema afetado ou pelo motivo da consulta. O número de enfermidades provavelmente supera o número de atendimentos, pois alguns pacientes apresentaram mais de uma alteração.

Tabela 1. Número de atendimentos prestados a caninos e felinos durante o período de residência, distribuídos pelo sistema orgânico afetado.

Atendimentos	Caninos	Felinos	Total
Avaliações pediátricas	18	6	24
Afecções cardiorrespiratórias	56	17	73
Afecções endócrinas	5	-	5
Afecções gastrintestinais	114	26	140
Afecções reprodutivas, urinárias e das glândulas mamárias	174	45	219
Enfermidades infecciosas	18	1	19
Afecções musculoesqueléticas e articulares	115	5	120
Afecções neurológicas	6	-	6
Afecções oftálmicas	28	14	42
Afecções tegumentares	184	46	230
Outras enfermidades	9	2	10
Total	727	162	889

3.1. Afecções Cardiorrespiratórias

Para diagnóstico de afecções cardíacas e pulmonares, o HCV contava com meios auxiliares de diagnóstico como raio-x, eletrocardiograma e, recentemente, com ecodopllercardiograma. As alterações cardiorrespiratórias atendidas estão demonstradas na tabela 2.

Tabela 2. Casos clínicos referentes às afecções cardiorrespiratórias de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e o Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Bronquite	3	1	4
Cardiomiopatia dilatada	2	-	2
Colapso de traquéia	1	-	1
Complexo respiratório felino	-	8	8
Defeito no septo atrioventricular	-	1	1
Insuficiência cardíaca congestiva	5	-	5
Metástases pulmonares	4	-	4
Neoplasma nasal	1	-	1
Neoplasma pulmonar primária	1	-	1
Pneumonia aspirativa	2	-	2
Pneumonia bacteriana	13	5	18
Traqueobronquite infecciosa canina	15	-	15
Tumor cardíaco*	1	-	1
Neoplasma metastático no pericárdico	1	-	1
Valvulopatia	7	2	9
Total	56	17	73

*Sugerido pelo exame ecodopplercardiográfico.

A alteração cardíaca mais comumente encontrada foi o sopro cardíaco, em nove pacientes, seguido da insuficiência cardíaca congestiva, em cinco cães. Porém, esses animais permaneceram sem que se pudesse estabelecer sua doença de base, pois alguns proprietários não compareceram às datas marcadas para os exames complementares ou porque foram atendidos em períodos em que não havia os meios diagnósticos necessários.

A traqueobronquite infecciosa canina, também conhecida como “tosse dos canis”, teve alta representatividade na casuística de afecções respiratórias. Percebeu-se uma maior incidência da doença nos meses mais frios, período no qual os animais permanecem mais tempo confinados, ficando em contato indireto com agentes contaminantes presentes nos perdigotos e fômites.

3.2. Afecções Endócrinas

Apenas quatro afecções endócrinas foram diagnosticadas durante o período, conforme demonstrado na tabela 3. Todas as dosagens hormonais eram feitas em um laboratório terceirizado a partir do material coletado no HCV-UFPeI.

Tabela 3. Casos clínicos referentes às afecções endócrinas de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPeI e o Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Diabetes mellitus	1	-	1
Hipotireoidismo	2	-	2
Hiperadrenocorticism	1	-	1
Hipoglicemia juvenil	1	-	1
Total	5	0	5

3.3. Afecções Gastrointestinais e Hepáticas

As afecções gastrointestinais e hepáticas totalizaram 140 atendimentos ao longo do período de residência e os mesmos estão descritos na tabela 4.

Os casos de desnutrição, enterite parasitária e gastroenterite hemorrágica foram os mais frequentes. A maior casuística dessas enfermidades provavelmente está relacionada à falta de orientação sobre vacinas, vermifugação e nutrição animal. A baixa renda dos proprietários de cães e gatos, principalmente os atendidos no Ambulatório Ceval, também pode justificar essa prevalência.

As gastroenterites hemorrágicas citadas têm como agente etiológico supostamente envolvido o Parvovírus canino, porém, não foi possível chegar ao diagnóstico definitivo de parvovirose por falta de exames complementares adequados.

Os casos de hepatite tóxica nos caninos foram provocados pela ingestão de quirela de milho contaminada com aflatoxinas em altas concentrações. O felino acometido desenvolveu hepatite tóxica secundária à administração de acetaminofeno (paracetamol).

Dos casos de peritonite em cães, dois foram provocados por ruptura traumática de vesícula biliar (peritonite química) e deiscência de sutura intestinal (peritonite séptica). Um felino apresentou peritonite por ruptura gástrica traumática e outro por ruptura intestinal traumática.

Os neoplasmas foram diagnosticados através de exame citológico e/ou histopatológico. A figura 2 mostra a realização de uma citologia aspirativa com agulha fina (CAAF) para confirmação do diagnóstico de uma neoplasia sublingual.



Figura 2. Procedimento de CAAF realizado em felino apresentando tumoração oral em região sublingual.

Tabela 4. Casos clínicos referentes às afecções gastrintestinais de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Cirrose	2	-	2
Constipação	1	-	1
Corpo estranho esofágico não obstrutivo	1	1	2
Corpo estranho gástrico não obstrutivo	4	1	5
Corpo estranho intestinal não obstrutivo	2	-	2
Desnutrição	19	-	19
Doença periodontal	10	7	17
Doença da tríade felina	-	1	1
Enterite parasitária	26	7	33
Erupção dentária tardia	1	-	1
Gastroenterite alimentar	9	1	10
Gastrite medicamentosa	6	-	6
Gastroenterite hemorrágica	13	-	13
Hepatite tóxica	2	1	3
Intussuscepção	3	-	3
Lipidose hepática	-	2	2
Metástase hepática de neoplasma mamário	1	-	1
Neoplasma hepático primário	3	-	3
Neoplasma oral	3	2	5
Papilomatose oral	1	-	1
Peritonite	3	2	5
Prolapso retal	1	1	2
Saculite anal	2	-	2
Sialocele	1	-	1
Total	114	26	140

3.4. Afecções Reprodutivas, Urinárias e das Glândulas Mamárias

As alterações reprodutivas, urinárias e das glândulas mamárias tiveram a maior casuística e estão descritas na tabela 5. Nesse item estão inclusas também as avaliações para ovariectomia e orquiectomia eletivas. A partir do ano de 2013, esses procedimentos passaram a ser realizados pelo “Projeto Castração”, coordenado pelo prof. Dr. Fabrício Arigony Braga e nas aulas práticas de Clínica Cirúrgica.

Os casos de *Diocotophyma renale* eram encaminhados para nefrectomia junto ao “Projeto Diocotophyma”, coordenado pela Prof^a Dra. Josaine Cristina Rappeti. O diagnóstico dessa enfermidade é realizado através de exame comum de urina, onde são encontrados os ovos do parasita e pelas imagens ultrassonográficas (Figura 3).

O felino portador de Doença Renal Policística (Figura 4) desenvolveu insuficiência renal crônica grave e veio a óbito pouco tempo após o diagnóstico.

Os neoplasmas mamários tiveram destaque na casuística descrita nesse item e são os principais responsáveis pelo grande volume de atendimentos oncológicos do HCV nos últimos anos. Todos os neoplasmas, inclusive os mamários, estão sendo catalogados pelo Serviço de Oncologia Veterinária da UFPel (SOVET-UFPel), coordenado pelo médico veterinário Dr. Thomas Normanton Guim. O SOVET foi criado em 2012 com o objetivo de fornecer serviço especializado aos pacientes oncológicos.

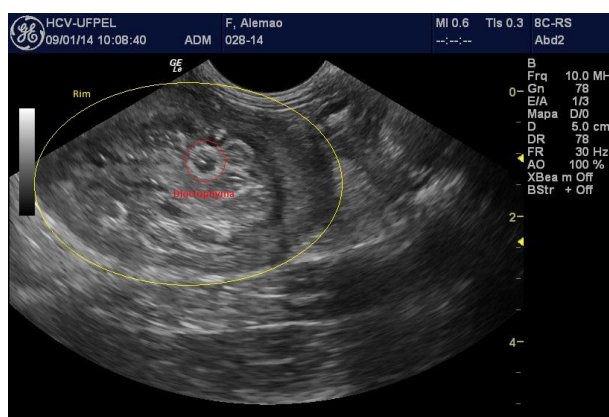


Figura 3. Imagem ultrassonográfica mostrando o rim direito de um felino parasitado por *Diocotophyma renale*. Fonte: Setor de Imagenologia HCV-UFPel

Tabela 5. Casos clínicos referentes às afecções reprodutivas, urinárias e da glândula mamária de caninos e felinos atendidos durante residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Abcesso prostático	1	-	1
Avaliação para OSH eletiva	31	15	46
Avaliação para orquiectomia eletiva	20	7	27
Cistite	9	2	11
Cisto prostático	1	-	1
Cistos ovarianos	5	-	5
Criptorquidismo	2	-	2
Distocia	3	1	4
Diocetofimose renal	3	1	4
Doença do trato urinário inferior dos felinos	-	7	7
Doença renal policística	-	1	1
Necrose peniana	2	-	2
Gestação	5	1	6
Hiperplasia mamária	-	1	1
Insuficiência renal aguda	4	-	4
Insuficiência renal crônica	3	3	6
Mastite	3	-	3
Piometra	8	-	8
Pseudociese	4	1	5
Pielonefrite	1	-	1
Neoplasmas testiculares	1	-	1
Neoplasmas ovarianos	1	-	1
Neoplasmas mamários	47	3	50
Tumor venéreo transmissível	13	-	13
Urolitíase renal	2	1	3
Urolitíase uretral	2	-	2
Urolitíase vesical	3	1	4
Total	174	45	219



Figura 4. Imagem macroscópica dos rins de um felino com Doença Renal Policística. Fonte: Departamento de Patologia Animal – FV/UFPel.

3.5. Enfermidades Infecciosas

Algumas moléstias infecciosas já foram incluídas na casuística de outros sistemas, como a parvovirose nas afecções gastrintestinais (gastroenterite hemorrágica), o complexo respiratório felino e a traqueobronquite infecciosa canina, nas afecções cardiorrespiratórias. As demais enfermidades infecciosas estão descritas na tabela 6.

Tabela 6. Casos clínicos referentes às enfermidades infecciosas de caninos e felinos atendidos durante residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Botulismo	3	-	3
Cinomose	13	-	13
Leptospirose	2	-	2
Peritonite Infecciosa Felina	-	1	1
Total	18	1	19

Para o diagnóstico de moléstias infectocontagiosas eram realizados hemograma, dosagem de enzimas séricas e sorologia. Para doenças como cinomose, FIV e FeLV, o HCV contava com testes imunológicos rápidos. A sorologia para leptospirose era realizada por um laboratório terceirizado.

3.6. Afecções Musculoesqueléticas e Articulares

As afecções musculoesqueléticas e articulares foram a quarta maior casuística atendida no período e estão descritas na tabela 7. Para o diagnóstico dessas afecções foram realizadas radiografias simples e contrastadas e ultrassonografias, no caso das hérnias.

Tabela 7. Casos clínicos referentes às afecções musculoesqueléticas e articulares de caninos e felinos atendidos durante residência, incluindo o HCV-UFPEl e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Artrose	2	-	2
Agenesia dos metacarpianos	1	-	1
Displasia coxo-femoral	11	-	11
Displasia de cotovelo	1	-	1
Doença do disco intervertebral	8	-	8
Fratura de fêmur	18	1	19
Fratura de mandíbula	3	1	4
Fratura de metacarpianos	1	-	1
Fratura de pelve	6	-	6
Fratura de rádio e ulna	4	-	4
Fratura de tíbia e fíbula	5	-	5
Fratura de vértebra	8	-	8
Hérnia diafragmática	3	1	4
Hérnia inguinal	4	-	4
Hérnia perineal	6	-	6
Hérnia umbilical	5	1	6

Luxação coxo-femoral	8	-	8
Luxação de cotovelo	3	-	3
Luxação patelar	2	-	2
Miosite traumática	3	1	4
Osteofitose anquilosante	11	-	11
Ruptura de ligamento cruzado cranial	1	-	1
Ruptura de tendão de Aquiles	1	-	1
Total	115	5	120

3.7. Afecções Neurológicas

As alterações neurológicas foram diagnosticadas através do exame clínico, radiografias simples e contrastadas e através da coleta e análise citológica de líquido. A casuística de afecções neurológicas foi pequena em comparação com os demais sistemas e está descrita na tabela 8.

Tabela 8. Casos clínicos referentes às afecções neurológicas de caninos e felinos atendidos durante residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Déficit cognitivo	1	-	1
Epilepsia idiopática	2	-	2
Síndrome da cauda equina	2	-	2
Trauma crânio-encefálico	1	-	1
Total	6	0	6

Muitas alterações neurológicas estão ligadas a outras doenças já citadas em outros sistemas e, portanto, não foram repetidas aqui. Dentre elas estão as mielomalácias e rupturas traumáticas da medula espinhal, provocadas por traumas e fraturas vertebrais, compressões medulares secundárias à discopatias, convulsões, paraplegias e tetraplegias causadas pela infecção pelo vírus da cinomose, encefalopatia hepática e urêmica, nos casos de insuficiência hepática e renal, respectivamente.

3.8. Afecções Oftálmicas

As afecções oftálmicas estão descritas na tabela 9. O HCV contava com atendimento oftálmico especializado, disponibilizado pelo professor Dr. Fabrício Arygoni Braga. Esses atendimentos eram previamente agendados e ocorriam todas as quintas-feiras. Os atendimentos que surgiam fora desse horário eram feitos pelos residentes e, conforme a necessidade, podiam ser encaminhados para o especialista. Para o diagnóstico dessas enfermidades, eram realizados exame oftalmoscópico, teste da fluoresceína, teste da lágrima de Shimmmer e tonometria.

Tabela 9. Casos clínicos referentes às afecções oftálmicas de caninos e felinos atendidos durante residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Catarata diabética	1	-	1
Catarata senil	3	-	3
Ceratite herpética	-	3	3
Ceratite ulcerativa	5	2	7
Ceratoconjuntivite seca	1	-	1
Conjuntivite bacteriana	13	3	16
<i>Florida spots</i>	-	5	5
Perfuração do bulbo do olho	-	1	1
Prolapso do bulbo do olho	1	-	1
Prolapso de glândula da terceira pálpebra	2	-	2
Tumor palpebral	2	-	2
Total	28	14	42

3.9. Afecções Tegumentares

As afecções tegumentares foram a maior casuística atendida durante a residência (Tabela 10). Os diagnósticos dessas enfermidades eram realizados através de raspados cutâneos, culturas fúngicas e bacterianas, citologia e histopatologia. Para as hipersensibilidades eram realizados diagnósticos terapêuticos, depois de excluídas as dermatopatias parasitárias. A figura 5 mostra um felino com esporotricose que foi tratado durante aproximadamente seis meses até a remissão total da lesão.



Figura 5: Felino com lesão palpebral provocada pela infecção pelo fungo *Sporothrix schenckii*.

Tabela 10. Casos clínicos referentes às afecções tegumentares de caninos e felinos atendidos durante a residência, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Abscesso cutâneo	5	2	7
Corpo estranho subcutâneo	1	-	1
Deiscência de pontos	3	2	5
Demodicose	21	-	21
Dermatite actínica	2	-	2
Dermatite alérgica a picada de pulga	15	-	15
Dermatite interdigital	2	1	3
Dermatite necrosante	-	2	2
Dermatite química	1	-	1
Dermatite úmida aguda	6	-	6
Escabiose	15	-	15
Esporotricose	1	6	7
Ferida lacerada	9	5	14
Ferida por avulsão	2	-	2
Ferida por mordedura	10	4	14
Ferida punctória	1	-	1
Hipersensibilidade alimentar	2	-	2
Miíase	17	1	18
Neoplasmas cutâneos	21	5	26
Otite externa bacteriana	4	-	4
Otite externa mista	8	-	8
Otite externa por <i>Malassezia spp</i>	1	-	1
Otoematoma	2	-	2
Pediculose	2	-	2
Pulicose	31	17	48
Queimadura	1	-	1
Reação alérgica à picada de inseto	1	1	2
Total	184	46	230

3.10. Outras enfermidades

Nesse item foram inclusas as enfermidades que não se enquadraram em nenhum sistema específico por apresentarem uma grande variedade de sinais clínicos e que não se limitam a um sistema orgânico principal (Tabela 11).

Tabela 11. Casos clínicos referentes às enfermidades de caninos e felinos atendidos durante residência que não se limitam a um sistema orgânico principal, incluindo o HCV-UFPel e Ambulatório Ceval.

Diagnóstico	Caninos	Felinos	Total
Acidente ofídico	3	2	5
Hipertermia por intermação	1	-	1
Intoxicação por moxidectina	2	-	2
Intoxicação por rodenticida	2	-	2
Intoxicação por permetrina	1	-	1
Total	9	2	11

4. ARTIGO CIENTÍFICO

Avaliação da qualidade de vida e intensidade da dor em cães portadores de neoplasmas malignos

Evaluation of quality-of-life and pain intensity in dogs with malignant neoplasms

RESUMO

O câncer é considerado como a principal causa de morbidade e mortalidade em cães. Nesses pacientes, a dificuldade em reconhecer e quantificar a dor está relacionada à negligência do seu tratamento. O presente estudo avaliou 68 animais, onde o grupo controle foi composto por 34 cães hígidos (GC) e o grupo tratamento por 34 cães portadores de neoplasmas malignos (GN), confirmados através da histopatologia ou citopatologia. Os animais foram avaliados quanto à qualidade de vida e intensidade da dor através da escala de qualidade de vida (EQV) e escala visual analógica (EVA), respectivamente. O estadiamento clínico dos cães com câncer foi realizado através de exames de imagem e histopatológico. Foram comparadas as médias de pontuação e escores obtidos nas escalas entre os grupos GC e GN e, dentro do grupo GN, entre os cães com e sem metástases. As médias foram avaliadas utilizando o teste de Tukey e os resultados foram significativos quando $p \leq 0,05$. Os neoplasmas mamários e cutâneos foram os mais prevalentes. Os cães do GN apresentaram uma média de pontuação inferior na EQV ($p=0,000$) e superior na EVA ($p=0,000$) em relação aos cães do GC. Não houve diferença estatística significativa entre os cães do GN com e sem metástases avaliados pela EQV ($p=0,105$) e EVA ($p=0,757$). Ambos os métodos foram úteis e práticos na avaliação dos cães com sinais de dor secundários ao câncer. A dor oncológica não tratada causa sérios prejuízos na qualidade de vida dos animais. As escalas para

mensuração de dor e os questionários para avaliação da qualidade de vida, ambos baseados na observação comportamental por seus proprietários, surgem como uma ferramenta prática para auxiliar o médico veterinário a identificar, graduar, comparar e, principalmente, tratar a dor oncológica.

Palavras-chave: dor crônica, câncer, oncologia, caninos.

ABSTRACT

Cancer is considered as a major cause of morbidity and mortality in dogs. In these patients, the difficulty in recognizing and quantifying pain is related to the neglect of their treatment. This study evaluated 68 animals, where control group consisted of 34 healthy dogs (CG) and treatment group for 34 dogs with malignant neoplasms (NG), confirmed by histopathology or citopathology. The animals were evaluated for quality-of-life and pain intensity using a scale of quality of life (SQL) and visual analogue scale (VAS), respectively. Clinical staging of dogs with cancer was performed by imaging and histopathology. The scores obtained on the scales were compared between the CG and NG groups and between dogs with and without metastases. The means were evaluated used the Tukey test and the results were significant at $p \leq 0.05$. Mammary and cutaneous neoplasms were the most prevalent. Dogs NG showed a lower average score in the SQL ($p=0.000$) and higher in the VAS ($p=0.000$) compared to dogs CG. There was no statistically significant difference between the NG dogs with and without metastases evaluated by SQL ($p=0.105$) and VAS ($p=0.757$). Both methods were practical and useful in the evaluation of dogs with signs of pain secondary to cancer. Cancer pain untreated cause serious damage to the quality of life of animals. Scales for measurement of pain and questionnaires to assess quality-of-life, both based on behavioral observation by their

owners, emerge as a practical tool to assist the veterinarian to identify, graduating, compare and mainly treat cancer pain.

Key-words: chronic pain, cancer, oncology, canine.

INTRODUÇÃO

O câncer é considerado como a principal causa de morbidade e de mortalidade entre cães e gatos adultos e idosos (LESTER; GAYNOR, 2000). Apesar de não haver dados estatísticos exatos, a prevalência da doença em animais de companhia é alta e crescente (WITHROW, 2013). Tal fato é justificado pelo aumento na expectativa de vida desses animais e ao maior cuidado a eles dispensado, devido à sua maior proximidade com os proprietários e a importância que adquiriram no contexto familiar (ENDENBURG, 2002; YAZBEK, 2008).

Apesar dos avanços da Medicina Veterinária na área da Oncologia, aproximadamente a metade dos animais diagnosticados com câncer apresenta-se sem possibilidade de cura e com dor moderada a intensa, necessitando de controle analgésico adequado para a manutenção da sua qualidade de vida (YAZBEK, 2008).

Em humanos, dados estatísticos revelam que a prevalência de dor é de 28% nos pacientes com diagnóstico recente de câncer, chegando a 80% nos casos avançados, com existência de síndromes paraneoplásicas. Acredita-se que os pacientes veterinários apresentem dor semelhante aos humanos, porém, o subtratamento da dor oncológica ainda é bastante comum. A dificuldade para reconhecer a dor e o questionamento histórico inadequado, especialmente no que se relaciona à qualidade de vida do animal, são fatores apontados como causas da negligência no tratamento da dor oncológica em medicina veterinária (LOONEY, 2010).

A dor pode ser classificada de acordo com seu tempo de evolução em aguda ou crônica. A literatura referente à identificação e tratamento da dor crônica ainda é escassa, no entanto, é referido que ela pode interferir nas atividades normais do paciente, como sono, lazer, alimentação, higiene e, até mesmo, no nível de interação com seus proprietários (YAZBEK; MARTINS, 2011). Quando está relacionada ao câncer, a dor pode ser constante ou diária, multifocal e com episódios de longa duração, podendo variar de dias até anos e ainda apresentar intervalos de remissão (PIMENTA et. al., 1998).

A identificação da dor crônica pode ser difícil para o médico veterinário, sendo o proprietário uma ferramenta importante, uma vez que ele é capaz de detectar alterações comportamentais em seus animais, fornecendo informações sobre a presença de dor ou de desconforto (HELLEBREKERS, 2002). Com esse propósito, várias escalas utilizadas para mensurar a dor crônica em humanos estão sendo adaptadas para animais (YAZBEK, 2008). No entanto, nenhuma escala para pontuação de dor em animais é perfeita, pois todas consistem na avaliação subjetiva da dor de um indivíduo baseada na experiência de outro (GAYNOR, 2008).

O objetivo desse estudo foi avaliar o nível de qualidade de vida e a intensidade da dor apresentada por cães portadores de neoplasmas malignos antes de serem submetidos a qualquer tipo de terapia.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizados 68 cães, provenientes da rotina de atendimento clínico do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas. Não houve restrições quanto ao sexo, à raça e a idade dos animais estudados.

Os animais foram divididos em dois grupos: grupo GC, composto por 34 cães hígidos, servindo como grupo controle, e o grupo GN, composto por 34 cães portadores de neoplasmas malignos, confirmados através de avaliação histopatológica ou citopatológica. Todos os animais foram submetidos a exame clínico completo e avaliados quanto à dor através de um questionário de qualidade de vida e graduação da intensidade da dor, ambos respondidos por seus proprietários no momento da consulta. Além disso, para o estadiamento da doença, foram realizadas radiografias torácicas, ultrassonografia abdominal e exame histopatológico dos linfonodos para a pesquisa de metástases. Foi possível o estadiamento de 25 dos 34 pacientes, pois 9 proprietários não compareceram com seus animais para realização dos exames.

A avaliação da qualidade de vida foi feita através da escala para a avaliação da qualidade de vida para cães com câncer (EQV), elaborada e validada por Yazbek e Fantoni (2005). O questionário é composto por 12 questões, com quatro alternativas possíveis de respostas. Cada alternativa vale de zero a três, alcançando um total de 36 pontos, onde zero é considerado a pior qualidade de vida e 36, a melhor. As questões abrangem informações sobre comportamento, interação com o proprietário e avaliação de dor, apetite, cansaço, distúrbios de sono, problemas gastrintestinais, defecação e micção (YAZBEK, 2008).

A avaliação da intensidade da dor foi quantificada através da Escala Visual Analógica (EVA). A EVA é um sistema de pontuação semi objetivo, composto por uma linha horizontal de 100 mm de comprimento, que descreve a intensidade dolorosa, sendo que uma das extremidades representa a ausência de dor e a outra a pior dor possível, na visão dos proprietários (FLÔR et. al., 2011).

As médias de pontuação e escores obtidos na escala de qualidade de vida e escala visual analógica foram comparadas entre os dois grupos. Os dados foram analisados

estatisticamente através do teste de Tukey e o valor de p foi considerado significativo quando $\leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 34 pacientes oncológicos (GN), seis eram machos e 28 eram fêmeas, com idade média de 11,5 anos, variando entre cinco e 21 anos; enquanto que os animais do grupo controle, 12 eram machos e 22 eram fêmeas, com idade média de 5,1 anos, variando entre sete meses e 12 anos.

Os neoplasmas mamários foram os tumores malignos mais frequentes, seguidos pelos cutâneos. Em estudo conduzido por Yazbek e Fantoni (2005), onde avaliaram a qualidade de vida de cães com câncer, os tumores ósseos e mamários foram os mais frequentes, seguidos pelos tumores cutâneos. A distribuição dos neoplasmas identificados no presente estudo de acordo com o tecido de origem está apresentada na Tabela 1.

Dos neoplasmas avaliados, em 28 casos o diagnóstico foi realizado pelo exame histopatológico e seis pelo exame citopatológico (Tabela 2). Os tumores mamários múltiplos, ou seja, neoplasias mamárias que apresentaram mais de um tipo histológico, foram mais prevalentes. Dentre os tumores cutâneos, destacaram-se os mastocitomas. Outros 12 tipos histológicos foram diagnosticados nesse estudo, com apenas uma ocorrência cada: melanoma maligno, carcinoma perianal, carcinoma renal, adenocarcinoma pulmonar, adenocarcinoma hepático, osteossarcoma extraesquelético, tumor misto maligno mamário, tricoepitelioma, mioepitelioma maligno de mama, sarcoma mamário, sarcoma cutâneo e hemangiossarcoma cutâneo.

Ao serem comparados com os animais do GC, os cães do GN apresentaram uma média de pontos inferior na EQV ($p=0,000$) (Tabela 3). O mesmo questionário foi

utilizado por Yazbek e Fantoni (2005) para comparar a qualidade de vida de cães saudáveis, cães com câncer e cães com dermatopatias. A média dos escores obtidos foi de $33,8 \pm 2,6$, $20,7 \pm 5,0$ e $30,6 \pm 2,0$, respectivamente. Assim como no presente estudo, os animais portadores de neoplasmas malignos apresentaram-se com pior qualidade de vida do que os hígidos. É provável que a pontuação dos animais avaliados por Yazbek e Fantoni (2005) tenha sido menor em decorrência do maior número de animais com tumores ósseos, uma vez que esse tipo de neoplasma produz dor de intensidade moderada a intensa (BROWN et. al., 2009; JIMENEZ-ANDRADE et. al., 2010). Da mesma forma, Flôr et. al. (2013) avaliou a qualidade de vida de 69 cães portadores de diversos tipos de neoplasmas malignos antes e depois da terapia analgésica e observou que esses pacientes apresentavam uma média de escores variando entre 22 e 23 no momento da instituição da terapia, respectivamente.

Quanto à graduação da intensidade da dor, os cães do GC apresentaram resultados inferiores aos do GN na escala visual analógica ($p=0,000$) (Tabela 5). Em um trabalho realizado com mulheres portadoras de câncer de mama metastático, em diferentes estágios da doença, foi obtido um escore médio de 50mm na EVA, considerando a dor como moderada (PEREIRA;LIPI, 2009). Em comparação com os referidos dados humanos, percebemos que o escore médio de intensidade da dor dos pacientes aqui estudados foi menor. Esse resultado possivelmente é atribuído ao fato de que todos os pacientes humanos estudados apresentavam lesões metastáticas, causando dor mais intensa, enquanto que apenas sete dos animais nesse estudo apresentaram tais lesões. Outra hipótese seria a de que a avaliação do paciente veterinário necessita de um observador para ser realizada, apresentando um caráter mais subjetivo, onde muitas vezes pode haver a subestimação da dor.

Pereira e Lipi (2009) afirmam que a presença de metástases pode estar associada à dor, gerando incapacidade grave e piora na qualidade de vida. No presente estudo, embora sem significância estatística ($p=0,105$), os animais com metástases apresentaram média de pontuação menor na EQV em relação aos animais sem metástases (Tabela 3). Na avaliação pela EVA entre os pacientes oncológicos estadiados, devido ao não preenchimento da escala por sete proprietários, o número de animais com metástases amostrados foi pequeno, porém, também não foi observada diferença estatística significativa ($p=0,757$) entre os grupos. Adicionalmente, a localização das metástases também parece ter influência na intensidade da dor e na qualidade de vida dos pacientes. Segundo Buga e Sarria (2012), as metástases ósseas apresentam-se como as mais dolorosas. Dos sete animais com metástases aqui estudados, três apresentavam metástase em linfonodos regionais, dois nos pulmões, um no baço e um no fígado e nos pulmões concomitantemente, fato que pode explicar a ausência de diferença estatística significativa.

CONCLUSÕES

A dor oncológica não tratada causa sérios prejuízos na qualidade de vida dos animais. Em medicina veterinária, ainda há uma subestimação da dor no paciente com câncer e uma das principais causas é a dificuldade em se avaliar a dor neste tipo de paciente.

Nesse contexto, as escalas para mensuração de dor e os questionários para avaliação da qualidade de vida, ambos baseados na observação comportamental por seus proprietários, surgem como uma ferramenta prática para auxiliar o médico veterinário a identificar, graduar, comparar e, principalmente, tratar a dor oncológica.

COMITÊ DE ÉTICA E BIOSSEGURANÇA

O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Experimentação Animal (CEEA) da Universidade Federal de Pelotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, D. C.; BOSTON, R.; COYNE, J. C.; FARRAR, J. T. A novel approach to the use of animals in studies of pain: validation of the canine brief pain inventory in canine bone cancer. **Pain Medicine**, v.10, p.133–142, 2009.

BUGA, S.; SARRIA, J. The management of pain in metastatic bone disease. **Cancer Control**, v.19, n.2, p.154-166, 2012.

ENDENBURG, N. A alteração do papel dos animais na sociedade. In: HELLEBREKERS, L. J. **Dor em animais**. São Paulo: Manole, 2002. p.44.

FLÔR, P. B.; MARTINS, T. L.; YAZBEK, K. V. B. Avaliação da dor. In: FANTONI, D. T. **Tratamento da dor na clínica de pequenos animais**, Rio De Janeiro: Elsevier, 2011. p.81-92.

FLÔR, P. B.; YAZBEK, K. V. B.; IDA, K. K.; FANTONI, D. T. Tramadol plus metamizole combined or not with anti-inflammatory drugs is clinically effective for moderate to severe chronic pain treatment in cancer patients. **Veterinary Anesthesia and Analgesia**, v.40, p. 316–327, 2013.

GAYNOR, J. S. Control of cancer pain in veterinary patients. **The Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.38, p.1429–1448, 2008.

GRUBB, T. Introduction: chronic pain. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 25, n. 1, p.1-4, 2010.

HELLEBREKERS, L. J. A dor em animais. In: _____. **Dor em animais**. São Paulo: Manole, 2002. p.14-15.

JIMENEZ-ANDRADE, J.; MANTYH, W. G.; BLOOM, A. P.; FERNG, A. S.; GEFFRE, C. P.; MANTYH, P. W. Bone cancer pain. **Annals of the New York Academy of Sciences**, p.173-181, 2010.

LESTER, P.; GAYNOR, J. S. Management of Cancer Pain. **The Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 30, n.4, p. 951-966, 2000.

LOONEY, A. Oncology pain in veterinary patients. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 25, n. 1, p.32-44, 2010.

PEREIRA, G. P. G.; LIPI, U. G. Avaliação da dor oncológica no câncer de mama metastático. **Revista Dor**, v.10, n.4, 2009.

PIMENTA, C. A. M.; TEIXEIRA, M. J.; NEVES, A. T. A.; PIRROTA, A. C. **A dor e seu controle**. São Paulo: FURP, 1998. p.20

WITHROW, S. J.; VAIL, D. M.; PAGE, R. L. Why Worry About Cancer in Companion Animals? In: WITHROW, S. J.; MacEWEN, E. G. **Small Animal Clinical Oncology**. 5th ed. United States of America: Saunders, 2013.

YAZBEC, K. V. B.; MARTINS, T. L. Tratamento da dor oncológica. In: FANTONI, D. T. **Tratamento da dor na clínica de pequenos animais**, Rio De Janeiro: Elsevier, 2011. p. 49-57.

YAZBEK, K. V. B. Avaliação da dor e da qualidade de vida em cães com câncer. **Revista Dor**, v.9, n.3, p.1297-1304, 2008.

YAZBEK, K. V. B.; FANTONI, D. T. Validity of a health-related quality-of-life scale for dogs with signs of pain secondary to cancer. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v.226, n.8, p.1354-1358, 2005.

Tabela 1. Distribuição dos neoplasmas quanto ao tecido de origem.

Tecido de origem	Nº de animais afetados
Mamário	16
Cutâneo	12
Mamário e cutâneo	3
Renal e cutâneo	1
Pulmonar	1
Hepático	1
Total	34

Tabela 2. Distribuição dos tipos de neoplasmas diagnosticados por citopatologia ou histopatologia.

Diagnóstico	Nº
Tumores mamários múltiplos*	9
Carcinoma e mioepitelioma maligno de mama	2
Mastocitoma	5
Fibrossarcoma	3
Carcinoma tubular de mama	2
Carcinoma tubulopapilar de mama	2
Carcinossarcoma de mama	2
Outros	12
Total	38

*Neoplasmas que apresentaram mais de um tipo histológico

Tabela 3. Resultado e comparação das médias de pontuação nas escalas de avaliação de qualidade de vida e intensidade da dor dos grupos de animais estudados

Categoria	N		Média±DP	
	EQV	EVA	EQV	EVA (mm)
Hígidos	34	34	34,44±0,48 ^a	6,2±2,2 ^a
Oncológicos	34	27	27,7±1,28 ^b	30,4±5,3 ^b
Sem metástase	18	14	28,83±1,51 ^a	3,75±1,31 ^a
Metástase	7	4	23,14±3,84 ^a	3,21±0,83 ^a

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A residência em Clínica Médica de Animais de Companhia é de fundamental importância para o treinamento prático do médico veterinário que pretende atuar nessa área. Essa especialização promove ao aluno a oportunidade de prestar atendimento clínico com a autonomia necessária para conduzir os casos e, ao mesmo tempo fornece o apoio estrutural e principalmente técnico, para respaldar cada decisão.

Finalmente, creio que as oportunidades de aprendizado, de crescimento profissional e principalmente de amadurecimento surgiram e foram bem aproveitadas. Portanto, considero o período de residência como uma fase essencial para a minha formação como Médica Veterinária.

ANEXOS

PROJETO DE PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



Avaliação da intensidade da dor e da qualidade de vida de
cães com câncer

Cristine Cioato da Silva

Coordenador:

Thomas Normanton Guim, Dr., Departamento de Clínicas Veterinária
Faculdade de Veterinária – UFPel

Pelotas, 21 de janeiro de 2013.

6. Caracterização do Problema

Com o aumento da expectativa de vida dos animais domésticos, houve também o aumento da ocorrência de doenças ligadas à senilidade, como o câncer (YAZBEK, 2008). Atualmente, o câncer é a principal causa de morbidade e de mortalidade nos animais de companhia de meia idade a idosos (LESTER & GAYNOR, 2000). Nos últimos três anos, foi percebido no Hospital de Clínicas Veterinária da UFPel um aumento no número de atendimentos oncológicos, correspondendo a 17% do total.

A dor oncológica não deve ser menosprezada, pois se manifesta em 30% a 70% dos pacientes em todos os estágios da doença neoplásica, segundo dados obtidos da medicina humana. Além disso, a dor prolongada frequentemente resulta em piora das atividades e das condições físicas e funcionais (PIMENTA et al., 1998).

A dor neoplásica pode ser causada pelo próprio tumor, por metástases, por síndromes paraneoplásicas ou em decorrência do tratamento, seja ele cirúrgico, quimioterápico ou radioterápico e, até mesmo por causas que não estejam diretamente ligadas à doença. Dessa forma, é fundamental que se reconheça o tipo de síndrome envolvida para estabelecer o manejo adequado da dor (YAZBEK, 2008).

Apesar dos avanços da Medicina Veterinária, muitos cães e gatos com câncer apresentam-se sem possibilidade de cura e com dor de intensidade moderada a intensa, necessitando de analgesia para a manutenção da sua qualidade de vida (YAZBEK, 2008). É importante salientar que o alívio da dor dos animais é uma obrigação ética do médico veterinário (GAYNOR, 2009).

Avaliar o grau de dor vivenciada pelos animais, bem como sua capacidade em lidar com a mesma pode ser extremamente difícil, necessitando de métodos e escalas que produzam resultados com a máxima objetividade possível. Contudo, a avaliação feita através da análise observacional e da interpretação do comportamento dos pacientes ainda é a mais comum, apesar da subjetividade (POHL et al., 2011).

Em 2005, Yazbec e Fantoni validaram uma escala para a avaliação da qualidade de vida em cães com câncer. Essa escala constitui-se de um questionário que abrange informações sobre comportamento, interação com o proprietário e avaliação de dor, apetite, cansaço, distúrbios de sono, problemas gastrointestinais, defecação e micção. Segundo Pohl (2011), a intensidade da dor pode ser mensurada pelo proprietário através da Escala Visual Analógica (EVA), que é um sistema de pontuação semiobjetivo, composto de uma linha horizontal de 100 mm de comprimento, que descreve a intensidade dolorosa, sendo que uma das extremidades representa a ausência de dor e a outra a pior dor possível, na visão dos proprietários (POHL et al., 2011).

7. Objetivos e Metas

Objetivo geral:

Avaliar a intensidade da dor em cães portadores de neoplasmas malignos antes e após o tratamento e sua influência na qualidade de vida dos mesmos.

Objetivos específicos:

1. Utilizar dois métodos descritos na literatura para avaliar a qualidade de vida e a intensidade da dor em cães portadores de neoplasmas malignos antes e após o tratamento e em comparação com cães hígidos.
2. Verificar diferenças na intensidade da dor e na qualidade de vida de pacientes portadores de neoplasmas de acordo com os diferentes estadiamentos clínicos.
3. Mostrar através dos dados obtidos, a importância da mensuração e do controle adequado da dor neoplásica para a manutenção da qualidade de vida dos pacientes.
4. Contribuir para o esclarecimento dos clínicos a respeito da dor neoplásica em todos os seus aspectos, incluindo o diagnóstico, a avaliação da intensidade e, principalmente a sua influência na qualidade de vida do paciente.

8. Metodologia

Animais estudados:

Serão utilizados 100 cães provenientes do atendimento de rotina do Hospital de Clínicas Veterinária, no período compreendido entre março e outubro de 2013. Não haverá restrições quanto ao sexo, à raça e a idade desses animais.

Os animais serão divididos em dois grupos. O grupo 1 (G1) será composto por 50 cães hígidos, servindo como grupo controle, e o grupo 2 (G2) por 50 cães nos quais tenham sido diagnosticados neoplasmas malignos espontâneos, através de histopatologia e cujo tratamento instituído tenha sido a exérese cirúrgica do(s) tumor(es).

Etapas:

Exame clínico:

Todos os animais passarão por exame clínico completo, que inclui inspeção de mucosas, auscultação cardíaca e pulmonar, palpação de linfonodos e aferição do pulso periférico e da temperatura corporal. Os animais portadores de neoplasmas passarão também por exame clínico específico que compreende também a palpação e mensuração do tamanho dos tumores.

Estadiamento clínico:

O estadiamento clínico será realizado através do sistema TNM, estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (OWEN, 1980), onde são considerados dados como o tamanho do tumor primário (T1= tumores de 0 a 3 cm, T2= tumores de 3 a 5 cm e T3=tumores<5 cm), a presença de metástase em linfonodos regionais (N0=ausência e N1=presença) e a presença de metástases distantes (M0=ausência e M1=presença). A partir desses dados, a doença poderá ser classificada em cinco diferentes estágios (Anexo 3). O estadiamento clínico será realizado somente nos animais que apresentarem neoplasmas.

Para a mensuração do tamanho dos tumores será feita a medição utilizando-se um paquímetro ou fita métrica. A pesquisa de metástases em linfonodos será feita através da palpação e de exame citológico. A coleta de

material para realização do exame citológico é feita através da introdução de uma agulha de pequeno calibre (25x7mm), já acoplada a uma seringa de 10 mililitros, no linfonodo suspeito. Posteriormente são feitas 3 a 4 sucções, o êmbolo da seringa é solto e então a agulha é retirada. A agulha é então desacoplada da seringa, aspira-se ar para dentro da mesma, reacopla-se a agulha e a amostra é expelida em uma lâmina de vidro, onde será feito o esfregaço (COUTO, 2010). Esse material será então remetido ao laboratório para análise citológica. Esse procedimento pode ser realizado utilizando-se somente a contenção física do animal (FEITOSA, 2004), pois não causa sofrimento ao mesmo.

Já a pesquisa de metástases distantes será feita através de exames ultrassonográfico abdominal e radiográfico de tórax. Para ambos o animal necessitará somente de contenção física para o adequado posicionamento exigido para a realização dos exames (FEITOSA, 2004).

Avaliação da qualidade de vida:

A avaliação da qualidade de vida será feita através da escala para a avaliação da qualidade de vida para cães com câncer e dor (Anexo 1) elaborada e validada por Yazbek e Fantoni (2005). Trata-se de um questionário composto por 12 questões, com quatro alternativas possíveis de respostas. Cada alternativa vale de zero à 3, alcançando um total de 36 pontos, onde zero é considerado a pior qualidade de vida e 36, a melhor. As questões abrangem informações sobre comportamento, interação com o proprietário e avaliação de dor, apetite, cansaço, distúrbios de sono, problemas gastrointestinais, defecação e micção (YAZBEK, 2008).

Esse questionário será submetido aos proprietários de todos os animais, tanto do grupo 1 quanto do grupo 2, sendo que no grupo 2 ocorrerá em dois momentos: um na primeira consulta e outro 30 dias após a terapia cirúrgica.

Avaliação da intensidade da dor:

A avaliação da intensidade da dor será quantificada através da Escala Visual Analógica (EVA) (Anexo 2). A EVA é um sistema de pontuação semiobjetivo, composto de uma linha horizontal de 100 mm de comprimento, que descreve a intensidade dolorosa, sendo que uma das extremidades representa a ausência de dor e a outra a pior dor possível, na visão dos proprietários (POHL et al., 2011).

Caberá ao proprietário dos animais de ambos os grupos assinalar o ponto da escala onde melhor se enquadra a intensidade da dor do paciente. Os animais do grupo 2 serão avaliados na primeira consulta e também 30 dias após a exérese do(s) tumor(es).

Análise estatística:

Será realizado uma análise descritiva dos animais doentes em relação a intensidade da dor e da qualidade de vida. Para correlação entre os animais hígidos e doentes, assim como a correlação entre os animais antes e após o tratamento, os dados serão submetidos a uma análise de variância de uma via com repetições múltiplas (ANOVA) seguidas da comparação pelo teste de Tukey. Para a correlação entre os escores de dor e qualidade de vida em relação aos diferentes estadiamentos clínicos será utilizado o teste de regressão linear.

9. Equipe

Quadro 1 – Equipe de participantes e colaboradores do projeto “Avaliação da dor e da qualidade de vida em cães portadores de neoplasmas malignos”:

Nome	Formação	Função	Unidade
Thomas Normanton Guim	Doutor, Méd. Veterinário Técnico Administrativo	Coordenador	Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia
Cristine Cioato da Silva	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Clínica Médica de Animais de Companhia
Alexandre Corrêa	Méd. Veterinário, Residente	Colaborador	Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia
Anelise Borgartz	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Laboratório de Patologia Clínica
Carolina Decker lemos	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Imagenologia
Cristiane de Lima Athayde	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Clínica Médica de Animais de Companhia
Cristina Gevehr Fernandes	Doutora, Professora	Colaboradora	Departamento de Patologia Animal
Eduardo Santiago Ventura de Aguiar	Doutor, Professor	Colaborador	Departamento de Clínicas Veterinária
Fábio da Silva e Silva	Mestre, Méd. Veterinário Técnico Administrativo	Colaborador	Clínica Médica de Animais de Companhia
Karina Affeldt Guterres	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Clínica Médica de Animais de Companhia
Lucimara Konflanz Bergmann	Méd. Veterinária, Residente	Colaboradora	Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia
Luiz Felipe Damé Schuch	Doutor, Professor	Colaborador	Departamento de Medicina Veterinária Preventiva
Luiz Guilherme Salgado Gomes	Graduando, Estagiário	Colaborador	

10. Resultados e Impactos Esperados

Resultados esperados:

1. É esperado que os animais do G2 antes da terapia cirúrgica apresentem uma menor pontuação na escala para avaliação da qualidade de vida e uma medida maior na escala visual analógica em relação aos cães do G1, em função da dor provocada pelos neoplasmas.
2. Após a exérese dos neoplasmas, espera-se que ocorra um aumento na qualidade de vida do animal e uma redução na intensidade da dor, que serão evidenciadas através de uma maior pontuação na escala para avaliação da qualidade de vida e de uma menor medida na escala visual analógica
3. Além disso, acredita-se que os resultados desses mesmos testes sejam piores nos cães do G2 com neoplasmas de estadiamento mais elevados, ou seja, maior intensidade dolorosa e menor qualidade de vida.

Repercussão e impactos esperados:

1. Elucidar algumas das questões a respeito da dor que acomete animais portadores de neoplasmas malignos e sua influência na qualidade de vida dos mesmos, uma vez que a literatura nessa área ainda é escassa.
2. Inserção das técnicas utilizadas para avaliar a qualidade de vida e a intensidade da dor neoplásica na rotina clínica de atendimentos a pacientes oncológicos do HCV-UFPel, visando padronizar o estabelecimento de um protocolo analgésico eficaz.

6. Cronograma do Projeto

Quadro 2 – Cronograma do projeto Avaliação da intensidade da dor e da qualidade de vida de cães com câncer.

Atividades desenvolvidas	Período (meses/ano)												
	2013										2014		
	M a r	A b r	M a i	J u n	J u l	A g o	S e t	O u t	N o v	D e z	J a n	F e v	M a r
Coleta de dados	X	X	X	X	X	X	X	X					
Tabulação e análise estatística dos resultados									X				
Confecção da monografia e do artigo científico.									X	X	X	X	
Submissão do artigo científico												X	
Apresentação da monografia													X

7. Aspectos Éticos

Os cães utilizados para a realização desse projeto serão oriundos da rotina de atendimentos do HCV-UFPel, a partir da concordância dos proprietários com o mesmo. Esses animais deverão passar por atendimento clínico de rotina, que inclui anamnese e exame físico. Para a realização desses procedimentos será feita somente a contenção física do animal, pois tais procedimentos não causam sofrimento ao mesmo.

Os animais aqui utilizados não sofrerão manobras experimentais lesivas, nem serão submetidos à privação de água ou comida. Os cães que serão utilizados nesse estudo não passarão por qualquer tipo de indução tumoral. Serão aproveitados os casos de animais portadores de neoplasmas espontâneos, levados voluntariamente para atendimento no HCV-UFPel por

seus proprietários. Nenhum animal será submetido a tratamento cirúrgico sem que haja necessidade dessa modalidade de terapia.

O projeto está sendo encaminhado para a Comissão de Ética e Experimentação Animal (CEEA) da Universidade Federal de Pelotas e os procedimentos que serão realizados durante a execução do trabalho estão de acordo com as normas do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal.

8. Disponibilidade Efetiva De Infra-Estrutura de Apoio Técnico para o Desenvolvimento Do Projeto

O Hospital de Clínicas Veterinárias dispõe da infraestrutura necessária para atendimento clínico e cirúrgico, bem como de professores e funcionários capacitados nas áreas de clínica médica e cirúrgica e de anestesiologia e controle da dor, tornando viável o desenvolvimento do presente projeto.

10. Referências Bibliográficas

COUTO, G. C. Oncologia. In: NELSON, R. W., COUTO, G. C. Medicina Interna de Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 1145-1146.

FEITOSA, F.L. Contenção física dos animais domésticos In: **Semiologia Veterinária: a arte do diagnóstico**. São Paulo: Roca, 2004. p. 29-45.

GAYNOR, J. S. Controle da Dor no Câncer. In.: GAYNOR, J. S., MUIR, W. W. Manual de Controle da Dor em Medicina Veterinária. São Paulo: MedVet, 2009. p. 402-414.

LESTER, P.; GAYNOR, J. S.. Management of Cancer Pain. In: Mathews K. Management of pain. **The Veterinary Clinics of North America. Small Animal Practices**, v. 30, n.4, p. 951-966, 2000.

OWEN, L. N. The TNM Classification of Tumors in Domestic Animals. 1st Ed., **Word Health Organization**, Geneva, p. 26-32, 1980.

PIMENTA, C. A. M.; TEIXEIRA, M. J.; NEVES, A. T. A.; PIRROTA, A. C. **A dor e seu controle**. São Paulo: FURP, 1998. 20 p.

POHL, V. H.; CARREGARO, A. B.; LOPES, C.; GARLET, C.; MARQUES, J. S. Correlação entre as escalas visual analógica, de Melbourne e filamentos de Von Frey na avaliação da dor pós-operatória em cadelas submetidas à ovariosalpingohisterectomia. **Revista Ciência Rural**. Santa Maria, v.41, n.1, p.154-159, 2011.

POSSO, I. P.; ROMANACK, R. M.; POSSO, J. P. Inibidores da ciclooxigenase-2. In: AULER JR, J. O C. **Atualização em anestesiologia I**. São Paulo: Atheneu, 1994. p. 47-59.

YAZBEK, K. V. B., Avaliação da dor e da qualidade de vida em cães com câncer. **Revista Dor** ,v.9, n.3, 1297-1304, 2008.

YAZBEK, K. V. B.; FANTONI, D. T.. Validity of a health-related, quality-of-life scale for dogs with signs of pain secondary to cancer. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v.226, n.8, p.1354-1358, 2005.

10. Anexos

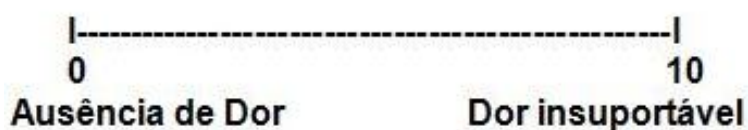
Anexo 1. Estágios da doença neoplásica de acordo com o sistema TNM para estadiamento clínico de tumores em caninos (OWEN, 1980).

Estágios	TNM
Estágio I	T1 N0 M0
Estágio II	T2 N0 M0
Estágio III	T3 N0 M0
Estágio IV	T1/T2/T3 N1 M0
Estágio V	T1/T2/T3 N0/N1 M1

Anexo 2. Escala para avaliação da qualidade de vida validada para cães com câncer e dor (zero – pior QV / 36 – melhor QV), de acordo com Yazbek e Fantoni (2005):

<p>1. Você acha que a doença atrapalha a vida do seu animal?</p> <p>0. () muitíssimo 1. () muito 2. () um pouco 3. () não</p>	<p>5. Você acha que o seu animal sente dor?</p> <p>0. () sempre 1. () freqüentemente 2. () raramente 3. () nunca</p>	<p>9. O seu animal tem vômitos?</p> <p>0. () sempre 1. () freqüentemente 2. () raramente 3. () não</p>
<p>2. O seu animal continua fazendo as coisas que gosta (brincar, passear...)?</p> <p>0. () nunca mais fez 1. () raramente 2. () freqüentemente 3. () normalmente</p>	<p>6. O seu animal tem apetite?</p> <p>0. () não 1. () só come forçado/só o que gosta 2. () pouco 3. () normal</p>	<p>10. Como está o intestino do seu animal?</p> <p>0. () péssimo/funciona com dificuldade 1. () ruim 2. () quase normal 3. () normal</p>
<p>3. Como está o temperamento do seu animal?</p> <p>0. () totalmente alterado 1. () alguns episódios de alteração 2. () mudou pouco 3. () normal</p>	<p>7. O seu animal se cansa facilmente?</p> <p>0. () sempre 1. () freqüentemente 2. () raramente 3. () está normal</p>	<p>11. O seu animal é capaz de se posicionar sozinho para fazer xixi e cocô?</p> <p>0. () nunca mais conseguiu 1. () raramente consegue 2. () às vezes consegue 3. () consegue normalmente</p>
<p>4. O seu animal manteve os hábitos de higiene (lamber-se, p. ex.)?</p> <p>0. () não 1. () raramente 2. () menos que antes 3. () está normal</p>	<p>8. Como está o sono do seu animal?</p> <p>0. () muito ruim 1. () ruim 2. () bom 3. () normal</p>	<p>12. Quanta atenção o animal está dando para a família?</p> <p>0. () está indiferente 1. () pouca atenção 2. () aumentou muito (carência) 3. () não mudou/está normal</p>

Anexo 3. Escala Visual Analógica para avaliação da intensidade da dor, segundo Pohl et. al (2011), onde zero representa a ausência de dor e 10, dor insuportável.



Cobalto

Comprovante de submissão